018
NOVEMBRO
2016

informativo eletrônico mensal da Sociedade Canoa de Tolda

Pelas Carreiras

edição especial
um balanço da Reserva Mato da Onça

Imagem - Canoa de Tolda

Peleja diária: plantar, proteger, preservar

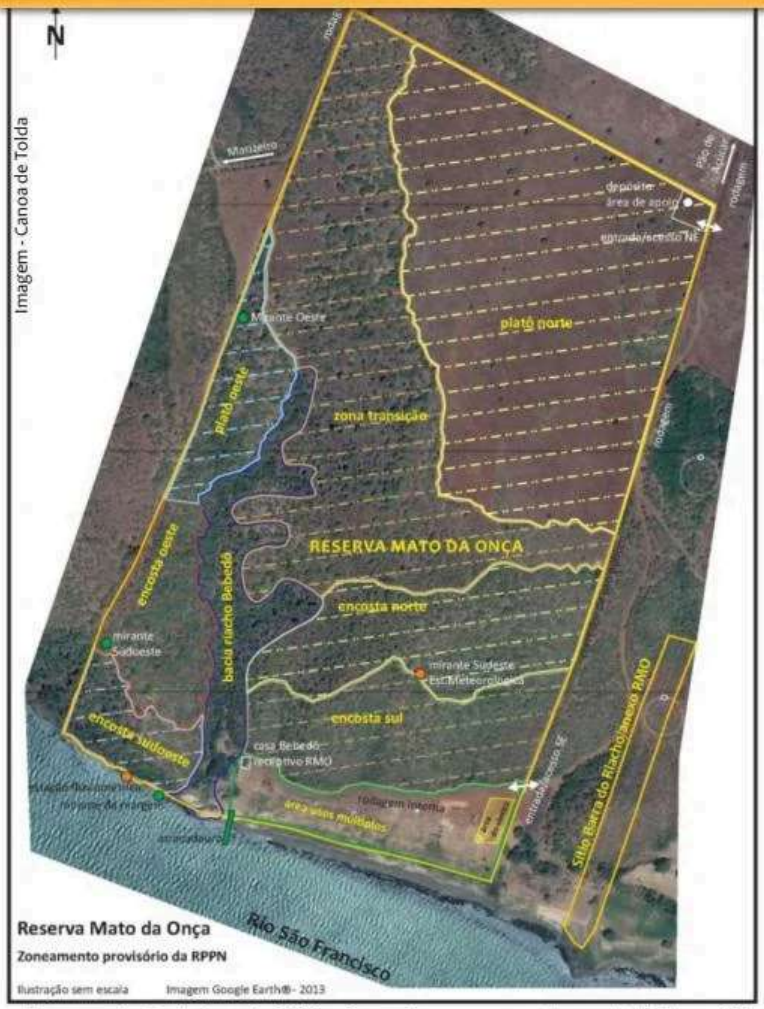
A nova versão do Programa de Revitalização do São Francisco tenta apagar a memória de seus ciclos naturais - agora é o «Novo Chico» - zerando o imenso passivo socioambiental em toda a Bacia, e reafirma políticas públicas sem perspectivas para o patrimônio natural justificando ainda mais iniciativas como a Reserva Mato da Onça e seu conjunto de ações.

Em um cenário cada vez mais difícil, preocupante, todos os dias, cada minuto é considerado na contabilidade do tempo já empenhado e ainda futuro no restauro da RMO - Reserva Mato da Onça e na busca e reunião dos remanescentes da biodiversidade do semiárido do Baixo São Francisco. Claramente, o patrimônio natural em toda a bacia é apenas um acessório ao nome dado à água: recurso hídrico. E este, destinado a suprir uma demanda configurada num modelo de sociedade predatório e suicida. Não se aborda o óbvio, de que a demanda deveria se ajustar à oferta: a água acabou. Na propaganda planaltina consta que - nas alardeadas ações da revitalização - estão sendo reflorestadas matas ciliares (desconhecemos alguma atividade no Baixo, fora das cercas da RMO e ações da CHESF). Com o Código Florestal atual tendo sacramentado faixas ínfimas de APP - Áreas de Preservação Permanente e, se de fato alguma coisa acontecer, algum dia, podemos imaginar o desastre. Outro ponto óbvio: onde estão as mudas nativas de semiáridos, com produção planejada em respeito aos padrões corretos de geomas (zonas de distanciamento entre as matrizes e plantio, para a preservação do DNA de espécies e variedades)? Hoje, apenas a CHESF, com seu viveiro em Xingó, e a RMO (esta em fase inicial) estão produzindo de forma sistemática mudas de semiárido no Baixo São Francisco.

Portanto, o ano se finda, mas não o rojão diário das diversas atividades na RMO - Reserva Mato da Onça. O estabelecido horizonte temporal de 2035 (*ver Pelas Carreiras 014*) chegará com brevidade: vinte anos para melhorar, enriquecer e recuperar uma área como a da RMO é tempo largo apenas na aparência. Sobretudo pelas dificuldades estruturais e de recursos - aquelas sendo gradativamente superadas. É importante a percepção de que a Unidade de Conservação está inserida em um território onde a tradicional ocupação exploratória das caatingas é velha de seus 400 anos, não favorecendo olhares, digamos, favoráveis para «tanta terra para nada».

Imagem - Canoa de Tolda

© 2016 - Canoa de Tolda



Zoneamento Preliminar da RMO ordenando usos, ocupações e atividades na UC

No planejamento geral do restauro da área há considerável e prolongado trabalho na «limpeza» das pegadas humanas e suas atividades na área da RMO (desde a infeliz e secular criação de animais soltos nas caatingas, a lavouras praticadas sem qualquer retorno para a terra que, pelada, é considerada, no sertão, como *beneficiada, limpa*. Os antigos proprietários da área, sem exceção, foram grandes especialistas na degradação das suas caatingas. Para organizar as ações, foi realizado zoneamento preliminar de toda a área - que será afinado e incorporado ao Plano de Manejo - o que contribui para o essencial ajuste dos usos e ocupações (estas, a partir de agora, mínimas, aqueles, todos voltados para a preservação da biodiversidade da flora do Baixo, ambos dentro de processos que promovam a sustentabilidade da Reserva com produção de recursos naturais) de toda a área.

Sementeiras de cajazeiras, preparando mudas de essenciais frutíferas ripárias

Sendo a produção de recursos naturais apoiada nas preservação, conservação e proteção da biodiversidade do semiárido do Baixo, permanece a prioridade na coleta de sementes (e eventuais transferências - se possível - de matrizes em risco) e produção de mudas para a formação de matrizes nas caatingas da RMO. Além da produção de um bom lote de espécies pioneiras ripárias (ciliares) de rápido crescimento, estão sendo produzidos conjuntos de mudas de espécies mais raras, de crescimento mais demorado e de frutíferas nativas (cajazeiras, embuzeiros, cajá-manga, seriguelas, mandacarus e xique-xiques). As fruteiras estão inseridas na produção manejada de frutos orgânicos de alta qualidade para mercados já identificados. Em todos os casos, a previsão de plantio está estimada para a época das possíveis chuvas de 2017 contando ainda, até lá, de dispositivos de irrigação de manutenção inicial. Como primeira etapa da temporada, foi feita varredura de matrizes floradas e coleta de sementes na região mais próxima à RMO - apesar da estiagem prolongada, ainda assim ocorreram floradas interessantes, ainda que rápidas, em diversas espécies não só na Reserva, mas na região - possibilitando um estoque interessante e uma boa parte preparada para germinação. É um trabalho minucioso de seleção de material e ordenação das etapas do processo para a garantia de mudas de qualidade.

No viveiro da RMO, prossegue o preparo de mais mudas para os plantios em 2017

A razoável florada na RMO e no anexo da Unidade de Conservação, o Sítio Barra do Riacho, favoreceu mais uma temporada de fortalecimento da serrapilheira, proporcionando enriquecimento e aumento do solo. Onde é possível, parte da folhagem é aproveitada para incrementar a compostagem do viveiro que irá formar o substrato das mudas, além de proteção de pés de plantios e fruteiras no Sitio Barra do Riacho. A massa de folhas também retém a umidade do solo, poupando água na molha e energia elétrica na captação para as caixas (o sistema opera por gravidade). O ecossistema rasteiro de insetos, pequenos répteis e mamíferos, aves ciscando e microorganismos fa-

O excedente da biomassa da serrapilheira é aplicado no apoio à produção de mudas

© 2016 - Canoa de Tolda

zendo o insubstituível trabalho de transformação da biomassa. Gradativamente, a partir das «ilhas/zonas» sombreadas e um pouco mais úmidas, vão sendo plantadas mais mudas adequadas num processo de avanço sobre as áreas mais quentes. É lento, nem sempre com sucesso, mas não há atalhos.

Nas atividades de reordenação das zonas da RMO (no projeto de restauro de toda a área), a erradicação das algarobas invasoras na faixa ripária está em sua fase final. É um trabalho moroso, tem custo considerável, pois além da eliminação da espécie, é feita separação das galhas mais finas, em coivaras, que ao secarem cumprirão seu papel de formação de solo, adubo, sendo esmigalhadas gradativamente. Galhos mais robustos serão estacas de cercas em locais de menor exigência, já que a algaroba não é muito durável. Por sua vez, as socas restantes do corte raso, com suas raízes, deverão ser acompanhadas durante vários meses para o corte da rebrota (a algaroba é planta tinhosa, que brota rápido, e é feito o corte dos brotos periodicamente até sua eliminação definitiva). Estas partes das árvores, em um a dois anos, começarão o lentissimo processo de decomposição no solo seco, gerando nutrientes para a sucessão planejada de espécies do restauro. Estas, por sua vez, em preparação no Viveiro da Reserva.

A erradicação das algarobas é lenta e necessária

Com a aplicação de novas regras para usos na RMO, naturalmente foi banida a caça e captura de animais silvestres, restrição que não teve, por diversas razões (históricas, culturais, socioeconômicas, educacionais, sobretudo), aceitação unânime no entorno da UC. O bordão «agora, ali no Bebedô e nessa terra não se pode mais nada» ainda é resmungado com certa frequência, nas sombras dos pés de pau. Ouvido duro, couro rudo, fazem parte do cotidiano de se tocar uma área de preservação. E assim vai sendo. A primeira conseqüência da criação de uma zona livre para a fauna silvestre foi o retorno de inúmeras espécies (mamíferos, aves, répteis, insetos, aranhas em geral) que passaram a freqüentar a RMO e o anexo Sítio Barra do Riacho em busca de alimento, repouso e reprodução. A confiança da fauna em contar com a proteção da Reserva é uma situação muito animadora pois reforça o trabalho conjunto de restauro da área. A bicharada também é um componente muito forte no conjunto de atrativos para as atividades de pesquisa, ensino e turismo de natureza, que gerarão recursos para a manutenção da UC.

Os tranquilos e curiosos pelocos de caburés das ninhadas livres de molestamento, desde 2014

As cravinas também voltaram a freqüentar o perímetro da RMO

Em cooperação com o IMA - Instituto de Meio Ambiente de Alagoas, a RMO está produzindo fichas de ocorrência de fauna silvestre para mapear a situação da mesma no semiárido alagoano do Baixo São Francisco. O fichamento das ocorrências (em formulários padrão do IMA, que podem contar com anexos de imagens, vídeos e áudios) se dá tanto para espécies visualizadas com vida ou mortas dentro do perímetro da RMO e seu entorno. Este levantamento também é incorporado ao Plano de Manejo da RMO em execução.

Esta cravina, encontrada morta dentro da UC, foi fichada para registro da observação

Uma situação, já prevista, é a atividade de captura de aves que «transbordam» da Reserva para as áreas vizinhas, sem proteção. Não é nada fácil constatar alçapões armados fora da Reserva, à espera das aves que transitam no local. É um problema muito delicado, exige cautela numa questão que pode envolver situações de risco, cabendo aos órgãos ambientais a fiscalização e fazer valer a lei para a proteção da fauna silvestre.

Para o início de 2017 estão planejadas várias obras básicas de infraestrutura para a RMO que irão melhorar as condições do trabalho e a possibilidade de inicio de atividades geradoras de recursos para a sustentabilidade da UC. Será executada a recomposição de quase dois quilômetros de cerca com estacas de boa qualidade (de longa duração) e troca dos arames farpados, para fortalecer a proteção da área. Haverá ainda: a construção de um galpão que irá abrigar a sede da Canoa de Tolda, dar apoio ao Viveiro da

As trilhas prioritárias tiveram seus traçados georreferenciados e incluidos no zoneamento

© 2016 - Canoa de Tolda

Imagem - Canoa de Tolda

Após a confirmação do traçado, a adequação das trilhas que facilitarão o monitoramento e pesquisa

Reserva e todas as atividades na mesma; um sistema de captação de água e distribuição por gravidade (para o viveiro e zonas de plantios); adequação e sinalização das duas principais trilhas da UC que facilitarão o monitoramento e tornarão possíveis as visitas (trilhas dentro de padrões internacionais de classificação). Este conjunto de melhorias será possível com o esforço do proprietário, que está captando recursos através de uma linha do Pronaf Agroecologia do Banco do Nordeste. Não é demais lembrar que Reservas Particulares do Patrimônio Natural são áreas destinadas **perpetuamente**, através de averbação irrevogável em cartório, à proteção, conservação e preservação de patrimônio natural.

Como há a necessidade de que a UC possa ter, em prazo mínimo, atividades geradoras de recursos, estão sendo priorizadas as melhorias nas principais trilhas da área, com previsão de abertura para visitações no primeiro trimestre de 2017. Na verdade, as trilhas são o aproveitamento de três varedos antigos já existentes, eliminando o impacto de abertura de caminhos novos. São elas a Trilha do Serrote, Trilha da Chã do Meio e Trilha da Cachoeira do Bebedô. Já foi realizada o georreferenciamento de todo o percurso e atualmente os caminhos estão sendo nivelados (em pontos mais difíceis de passagem), tendo tratamento para escoamento de água e controle de processos erosivos (até a recomposição final das matas ao longo destas faixas) e em breve receberão sinalização em todo o percurso (cerca de 2000 metros na primeira fase). Gradativamente, sempre aproveitando caminhos já existentes nas caatingas, serão abertas ao uso novas trilhas. Acreditamos que um dos grandes atrativos da Reserva Mato da Onça, além da beleza do lugar, e possibilidades de observações de fauna, flora e astronômicas, são as diversas atividades de recuperação da área, que poderão ser acompanhadas por visitantes que se interessarem pelo processo.

A recente apresentação da mais nova e angustiante versão do Programa de Revitalização do São Francisco denominado Novo Chico[1] (encabeçado pelo MI - Ministério da Integração), estabelece uma situação de ainda maior vulnerabilidade para o patrimônio natural da bacia do São Francisco. É uma condição que confere ainda menos tempo e exigirá mais esforço para a corrida em busca dos remanescentes da biodiversidade das floras não só no Baixo mas também nas demais regiões fisiográficas da bacia. É uma peleja pesada pela frente. Há que ser ligeiro.

1-https://issuu.com/canoadocs/docs/apresentacao_-_08ago16_-_novo_chico

Caatingas internéticas do Baixo

Parceria possibilita acesso à internet para a Reserva Mato da Onça e comunidades do entorno

Uma telefonia precária, caríssima, e um acesso ao mundo virtual instável e devorador de créditos: o padrão do péssimo serviço das poucas operadoras que dominam a região. O chamado acesso universal à internet ainda é algo longe, muito longe em todo o Baixo e na grande maioria dos interiores do país. No Mato da Onça e entorno a situação não era diferente, até dias atrás.

Uma parceria entre o Assentamento Conceição (cerca de um quilômetro no platô ao fundo do Mato da Onça), a BrabecNet, de Aracaju e Canoa de Tolda, possibilitou um bom serviço de internet a preços acessíveis. A composição partiu da necessidade da Canoa de Tolda e da Reserva Mato da Onça de um sistema de comunicação/transmissão de dados em banda larga. Com várias pessoas na região, formou-se um grupo de interessados viabilizando a instalação da rede pela BrabecNet. O sinal vem de Canindé, SE, 30 km em linha reta, para uma antena no Conceição e dali para uma repetidora nos fundos da Reserva, de onde é repassado para os usuários finais. Cada qual paga por seu plano de conexão e hoje, através de aplicativos de voz e texto, a comunicação melhorou muito.

Imagem Canoa de Tolda

A antena base receptora do sinal de Canindé foi instalada no Assentamento Conceição. Dali o sinal chega à RMO.

De última hora:

Equipe do professor Gilson Rambelli, da Arqueologia Subaquática da UFS - Universidade Federal de Sergipe, localiza naufrágio de embarcação (ainda não identificada) tradicional no alto sertão. Aguarde novas informações em breve.

Imagens G. Rambelli

© 2016 - Canoa de Tolda

Imagem - Canoa de Tolda

Acesso universal à água

Na foz do São Francisco, nos dias de hoje, várias comunidades, ignoradas pelo poder público e sem acesso à água doce (de qualidade mínima para o consumo), são obrigadas a busca-la em cacimbas nas dunas do Peba, AL. Com a redução da vazão, desde 2013, o estuário está com as águas salinizadas até a montante de Piaçabuçu. A situação deverá piorar com a regularização atingindo patamares impensáveis da ordem de 700 m^3/s.

O informativo Pelas Carreiras é uma iniciativa da Sociedade Canoa de Tolda.
A reprodução e veiculação de textos e imagens é permitida e incentivada, desde que sejam citados a fonte, autor e crédito de imagens. Artigos com autoria não exprimem necessariamente a posição da editoria, da entidade ou da iniciativa com seus eventuais apoiadores.

Canoa de Tolda - Sociedade Sócioambiental do Baixo São Francisco

Sede - R. Jackson Figueiredo, 09 - Mercado Municipal - 49995-000 Brejo Grande SE

Base Sertão - Reserva Mato da Onça - Povoado Mato da Onça - 57400-000 Pão de Açúcar AL

End. Eletr.- canoadetolda@canoadetolda.org.br **Internet**- www.canoadetolda.org.br

© 2016 - Canoa de Tolda